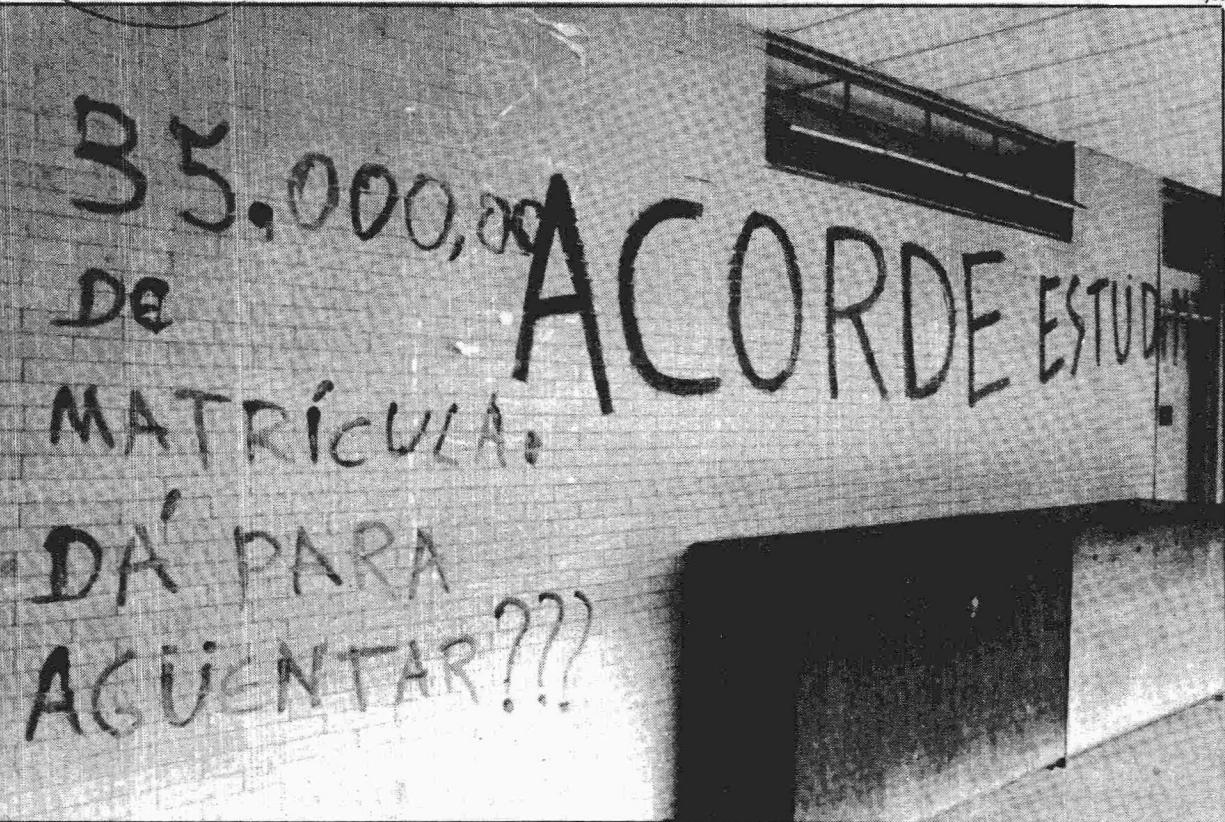


Ceub, sem aulas, vai à polícia contra estudantes

Luiz Tajes



A escola não terá despesas para apagar as pichações feitas pelos alunos com tinta guache

Desde ontem os mais de oito mil alunos do Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub) estão sem aula. Isto porque a diretoria da instituição registrou uma ocorrência na 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte) contra um grupo de estudantes que no sábado pichou as paredes da escola, protestando contra o preço das mensalidades. Mauricio Neves, diretor do Ceub, explicou que a interdição atende a pedido da polícia, que até amanhã fará a perícia nos locais pichados pelos estudantes.

Aproximadamente às 19h00 de ontem — horário em que começam a chegar os primeiros alunos ao Ceub — ninguém sabia exatamente o que estava acontecendo. A direção da Faculdade se encarregou de emitir um comunicado denunciando «atos de puro vandalismo» que justificavam a suspensão das aulas por três dias para «efetivação de perícia requerida». Para os estudantes, a atitude da direção do Ceub só teve um objetivo — o de desmobilizar os alunos para o ato público marcado para hoje, às 19h30, mas que não será cancelado.

A briga entre Ceub e estudantes vem se arrastando desde o início das aulas, em fevereiro, quando foi decretada a liberdade vigiada para

as mensalidades escolares. Segundo o presidente do Diretório Central dos Estudantes do Ceub (DCE), Antônio Carlos Viana, começou aí o abuso das instituições de ensino, que passaram a cobrar preços muito altos, sem nenhum combate por parte do Governo. Desde então foi intensificado um sistema de boicote às mensalidades, com apoio, como contou o dirigente estudantil, de 95% dos alunos.

Novo Decreto

Em abril o Governo Federal, pressionado por pais e alunos que foram às ruas em todo o País, decidiu revogar o decreto da liberdade vigiada substituindo-o por outro, o 95.921, que estipula as mensalidades de acordo com a Unidade de Referência de Preços (URP) de cada mês, a partir de dezembro último. «Mas nem isso foi cumprido», reclama Viana, já identificado pela direção da escola como um dos pichadores das paredes da faculdade.

Mauricio Neves explicou que os alunos não estão sendo cobrados «ainda», já que o índice para o reajuste das mensalidades não foi definido porque o acordo coletivo dos professores, com data-base em março passado, não foi assinado. Apenas 30% dos alunos estão

pagando as mensalidades, contou Neves.

Os estudantes ficaram do lado de fora, sob a vigilância constante de um efetivo policial — com dois microônibus — chamados pela direção do Ceub para «manter a ordem». Viana contou que todos os órgãos encarregados de controlar o cumprimento do decreto federal foram procurados — Ministério da Educação, Conselho Federal de Educação e Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) — mas nenhum resolveu o problema. Segundo ele, a questão está sendo «levada no banho-maria», até que chegue o período de renovação da matrícula, o que só poderá ser feito com o «nada consta» da tesouraria.

Com a perícia realizada na maior faculdade particular de Brasília, a direção da instituição pretende provar a participação de um grupo de estudantes, entre eles o presidente do DCE, que segundo Mauricio Neves, trouxe tinta de casa para pichar a escola. Segundo cálculos do prefeito do Campus, Ronaldo Arantes Costa, o Ceub vai gastar mais de Cz\$ 1,5 milhão para pintar as paredes. Viana disse que água resolve o problema, pois, a tinta é do tipo guache, que sai com facilidade.